

Renata Soltanovitch

**Elias,
o criminalista
do passado**

Ano 2012

Renata Soltanovitch
TereArt Editora
www.terear.com.br
Teresópolis - RJ
1ª Edição
Ano 2012

Capa, diagramação e impressão de
TereArt Editora

Registrado Biblioteca Nacional
protocolo n. 5505/12
contato: soltan.vieira@terra.com.br

Todos os direitos reservados pelo Autor.
É proibida a reprodução, total ou parcial, por qualquer
meio, inclusive cópias xerográficas, a não ser com autor-
ização expressa e por escrito do Autor.

ISBN 978-85-63813-41-1

Prefácio

Elias é um homem nem bom nem ruim, apenas perturbado. Foi advogado no passado e, por conta disso, não consegue se desvincular do local onde atualmente os julgamentos são realizados.

Sente ainda uma imensa vontade de perambular nas redondezas do Fórum João Mendes, onde é constantemente visto por todos, mas despercebido pela grande maioria.

Aliás, somos fantasmas uns para outros, pois muitas vezes não enxergamos nem nós mesmos.

Espero que este conto distraia o leitor das mazelas da vida.

Esclarecimento do leitor:

Sinto uma imensa vontade de escrever contos. Pode parecer bobagem, mas cada um faz o que gosta, ou melhor, lê quem quer e escreve que não tem juízo.

Escrever faz bem para a alma. Pelo menos para a minha¹. Os contos são curtos para não desgastar o leitor e não gastar muito do meu dinheiro. Até porque as editoras não investem neste tipo de trabalho e o patrocínio está sendo feito, integralmente e sem qualquer benefício fiscal, pelo escritório Vicente Vieira e Soltanovitch Sociedade de Advogados, capitaneada pelo advogado criminalista Dr. Marco Aurélio Vicente Vieira, um grande incentivador deste projeto.

Resolvi criar estes contos pelo simples prazer de escrever. E publico-os sem lançamentos, vinhos brancos ou convites coloridos. Desta vez, de forma simples.

O primeiro passo foi depositar o trabalho na Biblioteca Nacional para ratificar os meus direitos autorais, criação de meu próprio espírito², embora já protegido pelo artigo 7º, inciso I, da referida lei 9.610/98³.

1 Só para lembrar a música de Zeca Baleiro/ Fernando Abreu, “Alma Nova”: Sempre que te vejo assim, Linda, nua e um pouco nervosa, Minha velha alma cria alma nova, Quer voar pela boca, Quer sair por aí...

2 Vide livro “Direitos Autorais e a Tutela de Urgência na Proteção das Obras Psicografadas”, de autoria de Renata Soltanovitch.

3 Art. 7º - São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

Em seguida, encaminhei-o para uma revisora. Simples assim.

A intenção primeira é “presentear” os amigos. Aliás, alguém precisa ler o que escrevo, e amigos servem para isto. Embora somente o autor da própria obra conheça seus verdadeiros enigmas, os amigos sempre ajudam a decifrá-los.

O cenário deste conto envolve o dia-a-dia dos advogados, ou seja, o Fórum João Mendes, o Tribunal de Justiça e a Igreja da Sé.

Cabe assinalar que os dois últimos são um espetáculo à parte, pela descrição da beleza arquitetônica e sua magia. Estes são alguns motivos da minha admiração pelo Centro de São Paulo, que precisaria ser melhor preservado.

Alerto aos leitores que tudo o que é narrado neste conto é fruto da minha imaginação, e os personagens são totalmente fictícios.

Qualquer semelhança com fatos da realidade é mera coincidência.

Minha paixão pela contenda fez a escolha do cenário deste simples conto.

Porém, a obra não deixa de ser uma homenagem a todos aqueles que são indispensáveis à prestação da tutela jurisdicional.

Boa leitura!

I - os textos de obras literárias, artísticas ou científicas;

Elias, o criminalista do passado

Tudo começou em plena quarta-feira de cinzas, pós-feriado de carnaval. O relógio já ultrapassava as cinco da tarde. Em frente ao Fórum João Mendes, aquele tumulto⁴ de advogados e estagiários para cumprir seus prazos. Estava tudo uma loucura.

Ao longe, assistindo àquela cena, estava Elias⁵. Um senhor de meia idade⁶, alto, de aproximadamente 1,85m, barba por fazer, cabelo mal cortado e roupas encardidas. Embaixo do braço, a Bíblia Sagrada.

Observador, acompanhava aquela correria⁷ com olhos de quem acha graça, querendo entender o motivo

4 Como diz Sêneca (Lúcio Anneo Sêneca, filósofo – ano 4 a.C.(?) a 65 d.C. – estabelecido em Roma), “São econômicos na preservação de seu patrimônio, mas desperdiçam o tempo, a única coisa que justificaria a avaréza” – trechos do livro “Sobre a brevidade da vida”.

5 O nome escolhido para o personagem foi aleatório.

6 Sêneca, em seu livro “Sobre a brevidade da vida”, afirma na pág. 43: “Não julgues que alguém viveu muito por causa de suas rugas e cabelos brancos: ele não viveu muito, apenas existiu por muito tempo”.

7 Sêneca adverte contra aquela correria desvairada a que se entrega a maioria dos homens, que agem como animais, reiniciando sem cessar o mesmo movimento vão. Ora, essa inútil agitação não conduz senão ao esgotamento das forças físicas e à frustração mental. Ele não prega a preguiça, conforme afirma - “(...) não te convindo à preguiça nem à inércia” (XVIII, 2) -, apenas recomenda evitar a falsa operosidade e a fútil agitação – nota de rodapé n.16 do livro “Sobre a brevidade da vida”, de Sêneca, p. 32, editora L&PM.

de tanto estresse⁸.

De tanto ficar naquele lugar, próximo ao Fórum, conseguia identificar os personagens que por ali passavam, ou seja, quem era boy, serventuário da justiça, estagiário, transeunte, promotor de justiça, delegado, juiz ou advogado. Nada nem ninguém escapavam de seu olhar.

Elias conhecia a lei “de cor e salteado”. Aliás, não só a lei dos homens como também o conteúdo bíblico. Nos seus delírios de lucidez, dizia que os conflitos de interesse ou jurisdicionais só existiam porque não era aplicada a Bíblia⁹ no lugar dos Códigos legais.

Ao ver de longe um juiz, citava um Provérbio¹⁰ ou Salmo¹¹ da Bíblia, e, ao avistar um advogado, proferia outro¹².

8 Somos escravos do dinheiro, mas, como diz Frejat na música “Amor pra Recomeçar”: Eu desejo! / Que você ganhe dinheiro / Pois é preciso Viver também / E que você diga a ele / Pelo menos uma vez / Quem é mesmo / O dono de quem... - Composição: Frejat/Mauricio Barros/Mauro Santa Cecília – inspirado no poema “Os Votos de Sérgio Jockymann”, cujo texto original é “Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro, porque é preciso ser prático. E que, pelo menos uma vez por ano, você ponha uma porção dele na sua frente e diga: ‘Isso é meu’. Só para que fique bem claro quem é dono de quem.”

9 Salmo 19:7 - “A lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos simplices”.

10 Provérbio 31:9 - “Abre a tua boca, julga retamente e faz justiça aos pobres e aos necessitados”.

11 Salmo 23:3 - “Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome”.

12 Provérbio 31:8 - “Abre a tua boca a favor do mudo, pelo direito de todos os que se acham em desolação”.

A cada um que encontrava mandava ler um versículo, com ênfase para os do Coríntios¹³.

No meio daquela loucura toda, citava ainda trechos de livros de Pontes de Miranda, Rui Barbosa e Clóvis Bevilacqua.

Os policiais que ficavam ao redor do Fórum, já acostumados com Elias, achavam graça. Para estes, era citado Nietzsche¹⁴, e, entre suas inúmeras frases¹⁵, a preferida era: “Muito mais perigosa é a corrupção das ideias”¹⁶.

Ninguém se preocupava em ouvir Elias, portanto, suas palavras, soltas ao vento, não eram compreendidas e nem mesmo levadas a sério.

Ninguém sabia que, há mais de 200 anos, Elias foi o melhor advogado criminalista da região¹⁷. Au-

13 II Coríntios, 4:8,9 - “Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos (...)”.

14 Friedrich Wilhelm Nietzsche, filósofo Alemão, nascido em 1844 e morto em 1900, vítima de crises de loucura.

15 “O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte” – Nietzsche (extraído do site “Pensador.Info” < http://pensador.uol.com.br/frases_de_friedrich_wilhelm_nietzsche/>).

16 Frase citada no livro “O caso Wagner”

17 Lamentou não ter conseguido defender o soldado Francisco das Chagas, vulgo “Chaguinhas”, enforcado no Largo da Forca, onde está atualmente a Praça da Liberdade. Foram quatro tentativas de enforcá-lo, pois a corda do patíbulo arrebentou todas as três vezes, embora cada corda trazida pelo carrasco fosse nova. Apenas a quarta e última, feita de couro, teve o objetivo alcançado. Seu corpo foi enterrado no cemitério público

tor de grandes teses, fez fortuna defendendo ricos fazendeiros e seus filhos mimados, que normalmente, enlouquecidos pelo álcool, cigarros e outras coisinhas mais, se tornavam arruaceiros noturnos, desvirginando donzelas escravas.

Eram causadores também de diversos acidentes, apostavam corridas de cavalo, quebravam objetos e portas de lojas, arrumavam brigas, e muitas vezes apanhavam de escravos, grandes conhecedores da capoeira¹⁸.

Como vingança, os meninos ricos mandavam matar os escravos ou estupravam suas filhas, irmãs, sobrinhas. Vivia-se em uma terra onde a lei era aplicada somente contra os pobres¹⁹ e onde os ricos, poucos punidos, jamais passariam um dia sequer na cadeia, já que dispunham de posses para pagar um bom advogado. E Elias era um deles.

que ficava na Rua da Glória, logo após a Capela dos Aflitos – conhecido também como Pelourinho. Diz ainda a lenda que não só Chaguinhas, mas outras almas de escravos condenados e ali enterrados, ainda perambulam naquela região da Liberdade, Rua da Glória, Rua dos Estudantes e Rua Conselheiro Furtado.

18 Embora tenha sido sempre perseguida durante todo o período da Monarquia, foi apenas em 1890 que a prática da capoeira se tornou um crime, de acordo com a lei, assim permanecendo até a década de 1930, quando foi finalmente liberada por Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-45) – trecho extraído do texto de Letícia Vitor de Sousa Reis: “A capoeira do Rio de Janeiro do século 19 e a capoeira de Salvador das décadas de 1930 a 1940”.

19 Frase célebre: “Aos amigos, tudo; aos inimigos, os rigores da lei!”, atribuída a Getúlio Vargas.

Cobrar muito bem seus honorários²⁰. Vivera muito bem. Era respeitado por todos, inclusive pelos magistrados, pois, malicioso e perspicaz, sabia os meandros da lei e seus limites. Jogador de palavras, bom orador, Elias foi considerado, naquela época, um dos melhores tribunais.

Acontece que, passados mais de 200 anos, Elias se sentia incomodado com algumas questões. Ouvia e via mortos²¹ que normalmente o procuravam com o objetivo de resolver pendências judiciais que se encontravam na fase de julgamento no Tribunal de Justiça.

Nem sempre a pendência era daqueles mortos, mas envolvia muitas vezes seu patrimônio²² ou alguma questão familiar muito próxima.

Aquilo perturbava Elias, que era constantemente questionado por aqueles que haviam ultrapassado a barreira do corpo físico, mas que ainda não haviam conseguido alcançar a recuperação espiritual por conta de problemas terrenos.

Elias passeava muito no interior do Fórum João

20 O advogado que tiver dúvidas sobre quanto cobrar pelos seus honorários tem como parâmetro a Tabela de Honorários Advocáticos que consta no site da própria OAB. Recomenda-se, ainda, que o advogado participe das Comissões que integram a OAB, justamente para conhecer melhor suas prerrogativas e seus deveres funcionais, lembrando que “sem advogado não há Justiça”.

21 Nenhuma semelhança tem com Joana D’Arc.

22 Sêneca, em seu livro “Sobre a brevidade da vida”, p. 83, aponta: “...Coitado daquele que, ao morrer, o herdeiro, o qual muito tem feito esperar, escarnece contando o seu dinheiro”.

Mendes²³ e pelo Tribunal de Justiça²⁴, assistindo seus julgamentos nas belíssimas e imponentes salas, que se assemelham a verdadeiras obras de arte.



23 Conforme Estatuto da Advocacia, artigo 7, VII: “São direitos dos advogados [...] VI - ingressar livremente nas salas e sessões dos tribunais, mesmo além dos cancelos que separam a parte reservada aos magistrados.” Obviamente, tudo com muito respeito, o que se espera de um homem médio.

24 Conforme consulta no site do Tribunal de Justiça de São Paulo, o arquiteto Ramos de Azevedo foi incumbido de projetar a nova sede do Tribunal, inspirado no Palácio de Justiça de Roma, com “acabamentos luxuosos e ornamentado com figuras, cariátides e símbolos do Judiciário”. Só para esclarecer o leitor, cariátides são “colunas com a forma de estátuas de mulheres que suportavam na cabeça todo o peso do entablamento e da cobertura do templo designado Erectéion” (site Wikipédia).

Ao entrar no saguão do Tribunal de Justiça, Elias se emociava. Logo na entrada, à esquerda, deparava-se com o busto de Rui Barbosa, esculpido por Galileu Emendabile²⁵.



Outros bustos, tão belos quanto o do advogado Rui Barbosa, também estão lá presentes, entre eles o do Barão de Brasília Augusto Machado de Oliveira²⁶,

²⁵ Avô do amigo e advogado Paulo Emendabili Souza Barros Carvalhosa.

²⁶ Brasília Augusto Machado de Oliveira (mais conhecido como Brasília Machado) nasceu em São Paulo, em setembro de 1848. Coursou Direito nas “Arcadas”, onde foi contemporâneo de Rui Barbosa, Castro Alves, Afonso Pena e Rodrigues Alves. Casou-se com Dona Maria Leopoldina de Sousa e, depois de formado, foi promotor em Piracicaba, autor da expressão “Noiva da Colina”, para homenagear a cidade. De volta a São Paulo, foi professor da Faculdade de Direito e, como advogado, precursor do uso da Medicina Legal no estudo e resolução de crimes. Foi membro da American Academy of Political and Social Science e, como

do escultor Vitor Brecheret e o busto dos advogados Antonio Augusto de Almeida Toledo, Euvaldo Caib e José Adriano Marrey Junior.

O lugar em si é deslumbrante. O piso do Palácio é revestido em mármore chiampo, com pisos das escadarias em mármore carrara trazidos da Itália.

Os corrimãos, também em mármore português amarelo, e os balaústres de mármore e bronze demonstram a magnitude do lugar, arrematada por exuberantes vitrais temáticos italianos, executados por Conrado Sergenicht Filho e Antonio Vencitore, que orientou artesãos daquela região na pintura das paredes²⁷.

Ladeiam ainda o saguão enormes colunas jônicas, de granito vermelho polido, que vieram da Cidade de Itu, com bases e capitéis de bronze, pesando cada uma cerca de 15 mil quilos, as quais foram desenhadas pelo escultor Domiciano Rossi, em 1928²⁸.

O requinte se estendia às vestes dos Desembarcadores, com suas togas²⁹ pretas, e aos advogados, com

escritor, foi fundador e primeiro presidente da Academia Paulista de Letras; autor das obras: “Madressilva”, “Discursos”, “José de Anchieta” e “Obras Avulsas”. Na Academia, criou a expressão, até hoje famosa, “Paulista de 400 anos” (informação extraída do site <<http://brasiliamachado.vilabol.uol.com.br>>).

27 Parágrafo extraído do site do Tribunal de Justiça de São Paulo.

28 Ibidem.

29 Segundo Sêneca, em seu livro “Sobre a brevidade da vida”, p. 38, nota de rodapé n. 23, “A toga pretexta era vestimenta dos altos

suas longas becas, os quais, ao sustentar oralmente suas teses³⁰, definem-se como um outro espetáculo à parte, admirado por Elias.

Nos dias em que sentia necessidade de perambular pelo interior do Palácio da Justiça, aparecia vestido adequadamente, com roupas limpas, banho tomado e barba feita, a ponto de não ser reconhecido pelos seguranças do Fórum e ser tratado como Doutor.

Elias gostava disso, aquela situação o remetia aos velhos tempos de tribuno, há mais de 200 anos, quando um menino escravo, de apenas 15 anos, lhe servia de carregador de documentos, justamente por ser forte, ágil, esperto e capoeirista, dando-lhe, assim, um pouco de segurança.

O tal moleque, escravo, havia aprendido capoeira com seu grupo, que, por sua vez, havia aprendido essa luta em Luanda e treinados nos navios negreiros vindos posteriormente de Portugal para o Brasil, onde poucos escapavam com vida. Seu avô, também escravo, era um grande capoeirista. A habilidade com a capoeira foi herdada pelo pai, pelos tios, e agora por ele. O aprendizado fora transferido na senzala, de forma secreta.

funcionários e dos generais, também usada pelos adolescentes antes dos dezessete anos, quando, então, recebiam a toga viril”.

30 Artigo 7 do Estatuto da Advocacia: “São direitos do advogado: IX – sustentar oralmente as razões de qualquer recurso ou processo, nas sessões de julgamento...”.

Isto porque capoeira não deixa de ser uma luta. Luta que se pratica diariamente, logo ao abrir os olhos pela manhã. A sobrevivência na “selva de pedra” nos faz entender melhor os fundamentos da capoeira.

E Elias havia sido um dos poucos senhorios que admitia que seus escravos jogassem capoeira, até porque sabia o que os arruaceiros – os quais muitas vezes defendia – faziam com as belas meninas escravas, de coxas duras e bumbum empinado³¹.

Elias gostava de não ser reconhecido ao passar pelos seguranças do Fórum, principalmente quando resolvia assistir aos julgamentos no Palácio da Justiça. Ele se misturava entre os advogados, debatia questões jurídicas e caminhava ao longo daqueles extensos tapetes vermelhos.

E era ali, naquele Palácio, que Elias reencontrava os mortos. Muitas vezes, não sabia sequer distinguí-los dos vivos, nem se os julgamentos que assistia naquelas salas eram relativos ao mundo real ou espiritual.

Desembargadores mortos³² ali retornavam com suas negras vestes³³ e perucas brancas, confeccionadas

31 Trecho em homenagem ao advogado Paulo Carvalhosa, meu amigo.

32 Colossenses 1:16 - “Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele”.

33 Leia-se “togas”.

com crina de cavalo³⁴, o que demonstrava sua condição superior, para dar sequência a julgamentos passados. A missão de julgar sempre foi muito difícil e Elias respeitava tudo aquilo.

No meio de suas visões, Elias enxergava escravos acorrentados transitando pelo Tribunal, carregados pelo algos e acompanhados por padres. Padres estes que muitas vezes Elias observara entrar na Igreja da Sé, na Capela dos Aflitos³⁵, na Capela de Santa Cruz das Almas dos Enforcados³⁶ ou no Mosteiro de São Bento³⁷, para ainda rezar missas.

Elias não sabia mas possuía algumas missões. Dentre elas, estava a de resolver processos passados, pendentes de julgamento. O que ainda não se tinha conhecimento era se tais processos tramitavam no mundo real.

Havia diversos processos tramitando, como, por exemplo, de escravos presos por homicídio, tentado ou consumado, ou por lesão corporal de natureza grave. Também havia os processos envolvido jovens ricos e arruaceiros por roubo, agressão ou violência sexual. Dentre estas causas, a que mais lhe chamava atenção,

34 Isto por causa da calvície do rei francês Luís XIV e um surto de piolhos.

35 A capela dos Aflitos foi inaugurada em 27 de junho de 1779, no Bairro da Liberdade, em um pequeno beco escondido na Rua dos Estudantes. Naquela região, escravos e condenados eram sepultados.

36 Conhecida também como Igreja das Almas.

37 Leia-se “monges”. Aliás, a visita ao Mosteiro de São Bento é obrigatória para quem vai conhecer o centro de São Paulo, e não se pode deixar de apreciar as iguarias vendidas em sua padaria.

por ter como vítima a filha de um grande amigo, foi o crime da “concentração³⁸”, onde a jovem donzela alegava ter sido vítima de estupro por vários rapazes, sendo a maioria deles ricos, belos e da alta sociedade.

Era um total de quase cem rapazes, segundo relato da jovem, que a teriam “concentrado”, pegando-a à força e beijando seus lábios.

Elias achava tudo aquilo muito estranho, pois, conhecendo seus pais, sabia que donzelas não saíam de sua residência sozinhas, e que, quando precisavam sair, sempre eram acompanhadas pela mãe, tias ou mesmo por suas amas de leite, que delas cuidavam desde a infância até o dia do casamento, quando então a responsabilidade passava ao esposo e seus respectivos escravos.

Com a cópia do Boletim de Ocorrência do crime, denominado “concentração”, Elias decidiu conversar com a jovem Delegada da DDM³⁹ sobre o seu teor.

Vestido com seu melhor terno, sapato de bico fino bem lustrado, abotaduras, bengala e chapéu, Elias entrou na Delegacia e cumprimentou a todos com elegância. Solicitava a presença da Delegada.

Naquele dia, havia um tumulto inconfundível. Uma desinteligência antagônica entre casais, onde o

38 Foi realmente o nome apontado no Boletim de Ocorrência.

39 DDM - Delegacia de Defesa da Mulher.

marido, um caminhoneiro, ao regressar de longa viagem, encontrara sua mulher com outro na cama. Após descer-lhe o “sarrafo”⁴⁰, confrontava-se ali com a agredida, que exigia a aplicação da Lei Maria da Penha⁴¹ no safado. Ele, alegando justa causa e legítima defesa da honra, apelava para seus direitos de marido.

Espetáculo à parte, Elias pedia à Delegada a cópia do inquérito que deu origem ao Boletim de Ocorrência classificado como “Concentração”.

A jovem donzela citava diversos nomes masculinos que haviam sido objeto de “concentração”. Passavam de mais de cem. Eram tantos os galãs, que ficou difícil para Elias explicar a seu amigo, pai da donzela, que tudo não passava de fruto da imaginação da menina, a qual, sentindo-se solitária, imaginara ser bulinada por lindos homens que apareciam nas revistas de moda. E que o Boletim de Ocorrência somente foi feito porque a Delegada, sentindo comoção pela jovem moça, decidiu afagar seu coração elaborando o referido BO, que nos próximos dias seria arquivado.

Mas não era isto que perturbava Elias⁴². Seus

40 Leia-se “agredi-la”.

41 Lei 11.340/2006 – cria mecanismos para coibir a violência doméstica contra a mulher.

42 Elias já era perturbado por si só - e quem não é? “As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se quisermos, têm duas origens bem diversas, que importa distinguir: umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.” (O Evangelho segundo o espiritismo - Allan Kardec, pág. 100).

problemas concentravam-se⁴³ nos julgamentos pendentes.

Elias, em um desses momentos de lucidez e andanças pelo Tribunal de Justiça, foi contratado por Tomás, um belo jovem, de olhos e cabelos muito negros, alto e de corpo bem definido. Por onde passava as pessoas se encantavam, não só por sua beleza, mas também pela simpatia e simplicidade, embora fosse um rapaz culto, atleta e rico. Muito rico, diga-se de passagem.

Tomás era namorado de Viviane, a mais bela rapariga da cidade onde morava.

Moça simples do interior, seu objetivo era sair da cidade e ganhar a capital. Namorando Tomás, bacharel em Medicina, seu sonho se completava.

Embora a família de Tomás fosse contra o namoro, não só pelas condições da família da moça, de lavradores e originária de escravos, a vida seguia, pois ambos acreditavam ser almas gêmeas⁴⁴.

E eram, de fato, almas gêmeas⁴⁵.

43 Desculpe o trocadilho – de forma intencional.

44 O amor não tem explicação. Serve a letra de Pedro Mariano e composição Jorge Vercillo em “Quase amor”: Um místico profetizou: / ‘Tava no seu caminho escrito e não se apagará’ / Um lírico poetizou: / ‘Dá pra ver no ar’ / Era um quase amor, tipo casual / Atravessa a dor e não fica mal / E eu fui condenado sem ter juiz / Me senti culpado de tão feliz.

45 Leia-se Mateus, “Acerca do divórcio” 19:3.

Tomás amava Viviane loucamente⁴⁶ e seu objetivo era mesmo constituir família.

No entanto, em um sábado ensolarado, uma tragédia ocorre na fazenda da família de Tomás: Viviane morre afogada nas correntezas de uma cachoeira.

Por conta deste acidente, Tomás estava sendo acusado de homicídio e ainda respondia uma ação indenizatória proposta pelos pais da nanomorada, já que no corpo de Viviane havia indícios de esganadura, resultando em asfixia.

Elias aceitou o caso imediatamente e, empolgado, nem mesmo lembrou de fazer contrato de honorários⁴⁷ com seu novo cliente.

A ação indenizatória, segundo informações de Tomás, estava suspensa até que o julgamento criminal transitasse em julgado, nos termos do Artigo 110 do Código de Processo Civil⁴⁸.

46 Como diz a música “Tudo que há de bom”, de Luiza Possi: O amor pegou de jeito/ Bateu, fundo no peito/ Foi paixão.

47 O conto aqui é totalmente fantasioso. No entanto, recomenda-se sempre ao advogado fazer contrato de honorários com seu cliente, justamente para deixar estabelecida a forma do trabalho e em até que instância o ele está obrigado a recorrer, evitando a alegada “perda de chance”. Para o cliente, representa a segurança ao contratar um advogado para trabalho especificado e, para o advogado, um título, caso seu cliente não pague os honorários. Fica mais fácil para cobrar judicialmente pelo trabalho realizado.

48 Artigo 110 do CPC: “Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, pode o juiz

Embora Elias estivesse há muitos anos afastado da advocacia, em razão de suas condições, decidiu encarar o caso⁴⁹, sendo advogado de um processo só⁵⁰.

Procurando manter as aparências, Elias passou a ir todas as noites ao albergue da Prefeitura para se banhar, jantar e dormir.

Durante o dia, aproveitava a Biblioteca Mário de Andrade – próxima ao metrô Anhangabaú – para estudar.

Assistia, ainda, aos diversos julgamentos que aconteciam nas salas do Tribunal de Justiça.

Recebeu as cópias dos processos das mãos de Tomás e, acreditando no rapaz, não duvidou da veracidade do conteúdo. Elias estava radiante, novamente entraria no Plenário do Jurí⁵¹, instalado naquele belíssimo Tribunal.

O julgamento de Tomás aconteceria naquele local. Acreditava Elias que era devido à grandiosidade e

mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.”

49 Como diz Cazusa, “Ideologia, eu quero uma para viver”.

50 Sêneca, em seu livro “Sobre a brevidade da vida”, afirma na pág. 40: “Por fim, é consenso que um homem ocupado não pode fazer nada bem: não pode se dedicar à eloquência nem aos estudos liberais, já que o seu espírito, distraído com coisas diferentes, não se aprofunda em nada, ao contrário, tudo que lhe é imposto rejeita”.

51 Ressalta-se que há muitos anos não se faz júri naquele Plenário.

relevância do caso.

O que ele não sabia, no entanto, era que, desde 1988, não mais ocorriam julgamentos naquele Plenário, que passou a ser palco apenas de realizações de eventos⁵².

Os dias se seguiam, e Elias, com afinco, estudava o caso. Fazia anotações, grifava com caneta fosforescente as informações que acreditava serem importantes.

Lia e relia o laudo cadavérico de Viviane, e ensaiava, no meio da rua, a impossibilidade de Tomás ter esganado a sua amada⁵³.

Investigava ainda sobre o sentimento que havia entre ambos, as correspondências trocadas, as juras de amor e até o pacto de eternidade, simbolizado por um par de pingentes que ambos utilizavam no pescoço em

52 Conforme site do Tribunal de Justiça de São Paulo, sua descrição é: “O Plenário do Júri, medindo aproximadamente 230 metros quadrados, é todo revestido com lambris de madeira de lei, entalhada por artistas do Liceu de Artes e Ofícios, escola de Ramos de Azevedo. O teto, ornamentado com motivos renascentistas, tem ao centro uma clarabóia com belo vitral e lustres de bronze e alabastro, pesando cerca de meia tonelada cada. O crucifixo, em tamanho natural, foi entronizado em 2 de janeiro de 1933 por D.Guido Del Toro, na ocasião da primeira sessão do júri. Nesse local ocorreram julgamentos como o do Cabo Bruno, Lindomar Castilho e Osmani Ramos; este sustentou sua própria defesa durante duas horas. O último julgamento foi de um rapaz do bairro de Vila Santa Catarina, que assassinou toda família.” Vale a pena a visita.

53 Como diz Vinícius de Moraes em sua música “Berimbau”: Quem é homem de bem não trai / o amor que lhe quer seu bem...

uma corrente. O pingente era usado por Tomás no dia em que contratara Elias, porém, no corpo de Viviane fora encontrada apenas a corrente, sem o pingente, o que levantava ainda mais as suspeitas sobre Tomás, por conta do valor de tal jóia.

Acreditava-se que ele havia se assenhorado⁵⁴ novamente do tal pingente que havia dado a ela.

Toda vez que Elias pensava em falar com Tomás, eles se encontravam quase sem querer. E esses encontros passaram a ser mais frequentes, ora em frente ao Palácio da Justiça, ora em frente a Secretaria da Justiça, prédio localizado ao lado do Pátio do Colégio, próximo ao antigo Primeiro Tribunal de Alçada Civil e ao Museu do Anchieta e sua pequena igreja, com aproximadamente 450 anos.

Local, aliás, em que Elias assistia, no passado, naquele mesmo calçadão, óperas⁵⁵ francesas, entre elas Carmen, do compositor francês Georges Bizet, onde um trecho belíssimo se destaca: “Si tu ne m’aime pas, je t’aime. Si je t’aime, prend garde à toi!”⁵⁶. Nessa época, era comum assistir, nas ruas, o melhor da verdadeira arte, enquanto injustiçados eram mortos, em local bem próximo dali, na atual praça da Liberdade.

54 Tomado posse.

55 As óperas surgiram como sendo peças teatrais musicais do século XVII.

56 Tradução: “Se tu não me amas, eu te amo. Se eu te amo, proteja-se.”

Tomás se sentia mais à vontade ao lado desses edifícios antigos, não só por sua beleza artiquetônica, mas também por terem sido palco de histórias passadas.

No salão localizado dentro do prédio do Pátio do Colégio, ambos degustavam um aromatizado café expresso, digno das colheitas do melhor cafezal, arado por escravos capoeiristas. Elias comentou sua tese de defesa com Tomás.

Só para situar o leitor, o corpo de Viviane foi localizado somente após dois dias de intensas buscas, realizadas por bombeiros e mergulhadores da corporação, já que, no dia da tragédia, havia chovido bastante. Cabe observar que, durante a tempestade, Viviane e Tomás decidiram, incautos, aproveitar as águas limpas da cachoeira.

Disse Tomás, ao ser ouvido no inquérito e ao longo da investigação, que após dar um mergulho, perdeu de vista sua amada. Resolveu procurar e, não a encontrando, pediu ajuda a seu capataz, que acionou seus capangas. Não tendo sido Viviane localizada, no dia seguinte, o rapaz pediu então ajuda aos bombeiros. Acreditava que ela havia sido arrastada pelas correntezas.

Quando Viviane foi encontrada, seu corpo, por ter ficado muito tempo imerso na água, apresentava acelerado estado de putrefação, em que pese seus pulmões ainda estarem encharcados de água, fazendo com

que a família pressionasse o legista para que pudesse fazer o sepultamento de sua filha, com os respectivos rituais funébrs.

A urgência era pelo imediatismo do cumprimento do ritual, onde o povo da aldeia em que residia Viviane pudessem homenageá-la com cantos e danças, tochas acesas e a cadência dos atabaques, velando, na própria casa, o corpo da jovem, com o caixão ainda destampado, para que conseguissem pintar seu rosto com as cores tradicionais daquele lugar.

Além de receber o sacramento da penitência, conforme ritual local, já que se tratava de uma morte súbita, ou seja, antes do tempo, justamente por ser Viviane ainda muito jovem, seu corpo ainda seria amortalhado em hábito de seu protetor, como manifestado em vida para sua mãe naquelas conversas desagradáveis sobre a morte.

As casas seriam encobertas por lamparinas e, na entrada de cada uma delas, deixariam acesas as luminárias, para ressaltar a necessária pompa fúnebre dedicada àquela que partiu e o respeito à sua família.

A caminhada do cortejo seria apenas até o local do sepultamento de suas vestes, no adro da capela local, pois o ritual compreendia a cremação do corpo nu, ainda dentro do esquife.

Os sinos da capela tocaram do início do cor-

tejo até a cremação do corpo e as respectivas oferendas propiciatórias, silenciando-se apenas quando da retirada de sua mortalha e do sepultamento destas vestes, pois este era o momento em que o Curandeiro da aldeia fazia as suas preces.

Elias realmente leu isto tudo no processo, inclusive a condenação de Tomás no Tribunal do Júri e o teor da apelação interposto por um dos melhores advogados da região. A responsabilidade de Elias estava em fazer a sustentação oral no Tribunal de Justiça, mais precisamente na sala do Plenário do Júri, e tentar reverter a situação.

Elias lembrou-se de um antigo amigo que trabalhava no IML – Instituto Médico Legal - como legista e decidiu procurá-lo.

Márcio era legista há mais de três décadas, mas, mesmo autorizado a se aposentar, o cheiro dos corpos em estado de putrefação que exalava do IML prendia-o ali, como um vício.

Religioso, Márcio, especialista em tanatologia⁵⁷, acreditava que aqueles corpos deveriam ser respeitados e bem tratados, daí porque decidira não se aposentar. Nos casos de morte violenta ou repentina, era um expert na elucidação da causa mortis. Acreditava que, muitas vezes, o espírito, inconformado com a situação, acompanhava a autópsia, assustado por ver

57 Estudo da morte.

o próprio corpo sendo dilacerado, os órgãos fatiados, para apuração dos fatos ou de eventual suicídio. Crente daquilo que via, ele então conversava com o espírito, na tentativa de explicar-lhe a situação e direcioná-lo ao caminho da paz, evitando que acompanhasse toda aquela situação, principalmente quando do início da putrefação do corpo, que geralmente fora bem cuidado por anos e anos, e agora, em poucas semanas, se deteriorava com o aparecimento de manchas verdes, seguindo o período gasoso, que transfigurava a aparência do corpo, quando não havia a continência de fezes, urina e saliva. Na sequência, as larvas da fauna cadavérica roeriam o corpo, terminando com a autoestima de qualquer espírito.

Muitas vezes, no período gasoso da putrefação do corpo, ocorrem vômitos post mortem, fazendo com que alguns espíritos desavisados e materialistas acreditem que ainda podem ressuscitar e voltar à vida mundana.

Márcio se assustou com a aparência de Elias, por assim dizer, quase não o reconheceu. Não fosse pela voz inconfundível, pelos sermões eternos pregados em frente ao Fórum João Mendes e ao antigo Fórum Criminal, no viaduto Maria Paula, levaria horas para identificá-lo.

Sem querer revelar ao amigo que estava patrocinando um processo importante, Elias falou que queria conhecer e aprender um pouco do ofício, evitando as-

sim ficar perambulando pelas ruas e mantendo-se longe do vício da bebida e do crack. O argumento salutar fez com que Márcio permitisse a presença de Elias no local, já que sempre defendera a tese de que “a desocupação humana, a falta de um ofício, resulta em destruição espiritual”.

E lá iniciou Elias seu “aprendizado”, comparecendo diariamente ao local. Anotava cuidadosamente as lições ensinadas e ditadas pelo amigo, envolvido naquele cheiro peculiar do IML.

Passadas algumas semanas, estava convencido de que Viviane não havia sido vítima de homicídio, e sim de um acidente, onde se afogara, tendo sido envolta pelos galhos de cipó encontrados em seu pescoço⁵⁸. Havia marcas bem diversas das mãos e dedos de Tomás, as quais não foram citadas no laudo de forma peremptória.

Elias iniciou a preparação de sua sustentação oral que, por motivos que não eram conhecidos, ocorreria no plenário do grande júri no Palácio da Justiça.

No dia marcado, lá estava Elias, vestido com um elegante terno que conseguira comprar em um ba-

58 Este trecho remeteu-me à música de Zélia Ducan, composição Simone Saback, “Mãos Atadas”: Tenho as mãos atadas ao redor do meu pescoço / Eu queria mesmo era tocar seu corpo / Reprimo meus momentos / Jogo fora os sentimentos e depois? / Depois toco meu corpo eu tenho frio / Sou um louco amargurado e até vazio / E me chamam atenção / Mas eu sou louco é de paixão, e você? / Você que me retire desse poço / Eu sei ainda sou moço pra viver / E te ver assim tão crua / A verdade é toda nua / E ninguém vê.

zar por menos de trinta reais⁵⁹. Dinheiro este conquistado após dizer para um Magistrado, que parecia cansado após um longo e exaustivo dia trabalho e desanimado com a pauta lotada de audiências, que não desanimasse. Citou-lhe a célebre passagem do Hino Nacional – “Se ergues da justiça a clava forte, verás que um filho teu não foge à luta”⁶⁰ –, complementando-a com Salmos Bíblicos⁶¹. Com isso, mostrou àquele bravo julgador o quanto seu trabalho confortava a vida de todos os que haviam se conciliado⁶² após longos e intensos anos de batalha judicial.

O plenário do juri estava lotado e a beleza do Tribunal se irradiava ao entardecer. Elias também não entendeu o horário da sustentação oral e por que, naquele dia, o seu julgamento seria exclusivo.

Porém, como não patrocinava um processo há mais de duzentos anos, sequer pensou em questionar o serventuário da Justiça, que sempre o atendia nas vezes em que buscava informações.

A sustentação oral durou mais de sete horas e

59 Homenagem a D. Henia, que adora fazer compras no bazar. Uma belo exemplo de mãe judia.

60 “Hino Nacional Brasileiro”, letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva.

61 Citou, entre eles, o Salmo 9:4 - “Pois tu tens sustentado o meu direito e a minha causa; tu te assentaste no tribunal, julgando justamente”.

62 2 Coríntios 5:18/19 - “Mas todas as coisas provêm de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação; pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra da reconciliação.”

Elias abordou cada ponto do processo e o laudo cadavérico, demonstrando a impossibilidade de Tomás ter praticado a esganadura que provocara a morte de sua amada.

Por volta das 5h da manhã, após os Desembarcadores retornarem do recesso, Tomás foi considerando inocente pela morte de Viviane, com uma decisão bem fundamentada.

Todos que estavam no plenário se levantaram, ovacionaram Tomás e aplaudiram com carinho Elias, que, de forma criteriosa, fez a defesa de Tomás⁶³.

O criminalista sentiu-se orgulhoso, porém com alguma cautela. Elevou seu pensamento aos céus agradecendo a serenidade de sua conduta⁶⁴.

Ao se dirigir ao saguão do Palácio, rumo à

63 Homenagem aos advogados criminalistas cumpridores do artigo 21 do Código de Ética e Disciplina da OAB que dispõe “É direito e dever do advogado assumir a defesa criminal, sem considerar sua própria opinião sobre a culpa do acusado”.

64 No capítulo VII, “Missão do Homem Inteligente na Terra”, pág. 153, de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, Ferdinando, um Espírito protetor (Bordeaux, 1862), esclarece: “Não vos orgulheis por aquilo que sabeis, porque esse saber tem limites bem estreitos, no mundo que habitais. Mesmo supondo que sejais uma das sumidades desse globo, não tendes nenhuma razão para vos envaidecer. Se Deus, nos seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, foi por querer que a usásseis em benefício de todos. Porque é uma missão que Ele vos dá, pondo em vossas mãos o instrumento com o qual podeis desenvolver, ao vosso redor, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Deus [...]”

saída, observou que Viviane abraçava Tomás⁶⁵. Com eles, diversas figuras da história passada, conhecidos e desconhecidos, também se faziam presentes ali.

Ao olhar para trás, percebeu que os Desembarçadores que presidiram aquele julgamento já haviam, há muito, falecido. Foi então que Tomás explicou-lhe que, tão logo Viviane fora encontrada sem vida, ele também acabou sendo morto. Porém, ainda assim, precisava provar sua inocência.

Precisava mostrar a verdade. Verdade esta sempre resgatada pelos homens de bem.

Com sua missão cumprida⁶⁶, Elias voltou à rotina diária de perambular entre o Fórum João Mendes, o Tribunal de Justiça e a Cadetral da Sé, onde ainda é possível escutar suas lições, desde que os ouvintes sejam pessoas desprovidas de preconceitos.

FIM !!!!!

65 Eu voltei entre as flores da estrada / Para dizer que sem você não há mais nada / Quero ter você bem mais que perto / Com você eu sinto o céu aberto – “Ruas de Outono”, música de Ana Carolina e Antonio Villeroy.

66 Deixe que a alma tenha a mesma idade / que a idade do céu - na letra de Paulinho Moska, em “A Idade do Céu”.